

REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA IMPRENSA: BAURU NO INÍCIO DO SÉCULO XX¹

Thabada Cristine da LUZ²

RESUMO

A partir de um olhar sobre o cotidiano da cidade de Bauru, situada no Oeste Paulista, que no início do século XX vive o ápice de seu processo de modernização/modernidade, procuramos recuperar as representações femininas, os aspectos do cotidiano que apontem conflitos e tensões decorrentes da inserção das mulheres no espaço público, através da análise do periódico local, “O Baurú” (1906). Diante disso, nosso objetivo é observar os indícios reveladores da presença feminina de modo a considerar como elas agiam diante do poder instituído e resistiam com uma leitura atenta e interpretativa, portanto, busca-se desnudar outras formas de ser, de *estar* no cotidiano.

Palavras-Chave: Imprensa. Gênero. Mulher. Modernização/Modernidade.Cotidiano.

Introdução

Nosso olhar centrou-se sobre o cotidiano da cidade de Bauru (1896)³ no início do século XX até os anos de 1920, priorizando a leitura sistemática do periódico “O Baurú” (1906)⁴, observando as mudanças e as permanências das relações, das práticas sociais em um “lugar”

¹ Pesquisa orientada pela Profª Drª Lidia Maria Vianna Possas, do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp. Com financiamento Cnpq/PIBIC.

² Graduanda do Bacharelado em Sociologia, Ciências Sociais, Unesp - Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Filosofia e Ciências – 17525-900 – Marília/SP. E-mail: thahumana@yahoo.com.br

³ A formação da cidade de Bauru se iniciou no final do século XIX. As terras da região conhecida como “boca do sertão” eram o habitat natural dos índios Caingangues, também conhecidos como Coroados. O desbravamento da região deu-se em dois momentos: uma *Frente de Expansão* (1850-1870) realizada por posseiros, principalmente mineiros que devido a crise da mineração afluem para o oeste paulista “de maneira descontínua e dispersa com conflitos esporádicos com os indígenas”; a outra denominada de *Frente Pioneira* (1880-1890) “bem diferente da primeira pelo seu objetivo, intensidade, organização e, principalmente, pela presença diversificada dos interesses de seus protagonistas, como pela agressividade dos embates com os indígenas, uma vez que os empreendimentos agora eram motivados pela urgência de terras para cultivo de um dos mais importantes produtos de exportação da história do país: o café”. Ver POSSAS, 2007.

⁴ Seu primeiro número saiu em Dezembro de 1906 e durante um período não foi publicado por problemas na tipografia, na coleção presente no NUPHIS (Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica de Bauru) consta a edição a partir do dia 19 de Maio de 1907. Sua periodicidade era semanal e dominical, apresentava as dimensões de 30X42 cm; podemos notar que tinha um viés econômico, provavelmente para a manutenção da tipografia, algo demasiado custoso na época, era obtido através de assinatura anual 10\$000 e semestral 6\$000, e a partir de Agosto de 1907 passou a ser vendido de forma avulsa por \$200, aos Editais eram cobrados \$200 por linha sendo os anúncios também cobrados, mas não temos conhecimento do valor.

inserido no amplo processo de modernização/modernidade pelo qual passa São Paulo, e principalmente as cidades da frente pioneira do Oeste Paulista.

O entroncamento ferroviário formado pelas ferrovias Companhia Paulista (1910), Sorocabana (1906) e Noroeste do Brasil - NOB (1906) introduziu novas formas de sociabilidade para os moradores da vila Bauru, que vai se tornando cidade em curto espaço de tempo; a imprensa escrita desempenha importante papel, e de modo particular o jornal “O Baurú” se estabelece como grande defensor dos ideais republicanos, que visavam proclamar a ordem como condição *sine qua non* para que a sociedade recém instalada progrida.

A imprensa, sempre desempenhou um importante papel na sociedade brasileira, uma vez que percebe uma dupla possibilidade: divulgar informações e orientar a opinião pública através dos fluxos de notícias. No caso de nossa pesquisa, na análise dos periódicos de Bauru nos primeiros vinte anos do século XX, notamos o quanto suas notícias, fragmentos e editoriais demonstram os valores e ideais de pelo menos parte da sociedade, uma vez que o jornal não é o espelho da realidade, mas um fragmento dela, permeado por relações de poder e interesses subjetivos.

Aproveitamos, ainda, para relacionar com as reflexões sobre a relação texto-livro-leitor e seus efeitos⁵, uma vez que na perspectiva de Chartier (2001, p.214) ler não significa uma simples submissão ao mecanismo textual, “ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros”, segundo o autor, os leitores se apoderam dos textos e manipulam-nos segundo suas aptidões e expectativas.

Enfim, como nos aponta Hunt (2001, p.18) referindo-se ao pensamento de Chartier: “os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias, e os historiadores da cultura devem criar suas próprias estratégias para lê-los”. Assim, tomamos o jornal como um documento que é resultado de uma montagem consciente ou inconsciente da sociedade que o produziu, e em suas contradições procuramos desvendar as representações do que era ser mulher em Bauru, e perceber o que nos dizem tais representações sobre os modos de fazer dos e das

⁵ Roger Chartier utiliza a tríade texto-livro-leitura para mostrar as relações existentes entre esses elementos e as práticas culturais. No caso da presente pesquisa o texto seria os artigos presentes nos jornais, o livro seria o próprio jornal já formatado e por fim as possíveis leituras que foram feitas naquele período, tendo como recorte social as mulheres e seus comportamentos e práticas. Ver: CHARTIER, 1991.

agentes, que participaram do processo de construção de uma sociedade, permeado por tensões políticas e sociais que não permitiram ser silencioso e harmonioso o processo de ordem e progresso, almejado pelas elites locais.

A partir de uma perspectiva da História Cultural, que traz como contribuição a possibilidade metodológica de se trabalhar com os pensamentos e idéias de atores considerados insuspeitos e marginais, através, por exemplo, da análise cotidiana, da história do implícito, e que além disso, possibilita o uso de fontes outras que não os documentos tidos como “oficiais” (HUNT,2001; CAPELATO,1988; CHARTIER,1991), a imprensa passa a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade, calcados em práticas culturais; os textos jornalísticos são, portanto, indícios de muitas das práticas de um determinado período⁶.

É nesse cenário contraditório de avanços e recuos, e a partir da análise do periódico mencionado, que procuramos captar os indícios, os sinais, mesmo os mais sutis, deixados pela presença feminina, e sua inserção no espaço público, que evidenciam distintas experiências individuais e, observar como as construções dos discursos normativos, são construídos para manter as representações femininas tradicionais.

As representações femininas na imprensa

Nossas reflexões teóricas foram permeadas pela noção de “Teatro do Poder” (THOMPSON, 2001), a partir dela o autor vislumbra, os horizontes da tradição que privilegia a história econômica e demonstra a condição de um diálogo entre a história social e a antropologia. Segundo ele, somente dessa maneira pode-se conhecer a história em uma perspectiva que privilegie outros sujeitos:

À medida que alguns atores principais da história – políticos, pensadores, empresários, gerais – retiram-se da nossa atenção, um imenso elenco de suporte, que supúnhamos ser composto de simples figurantes, força sua entrada em cena. Se nos preocupamos apenas com o tornar-se, então há períodos inteiros em que um sexo foi negligenciado pelo historiador, pois as mulheres são raramente vistas como atores de primeira ordem na vida política, militar ou mesmo econômica. Se nos interessarmos pelo ser, então a exclusão das mulheres reduziria a história à futilidade. (THOMPSON, 2001, p.234).

⁶ Aqui usamos período no sentido cronológico, porém, entendemos que muitas eram as temporalidades vividas pelos habitantes de Bauru, no sentido posto por Koselleck, o tempo histórico é um tempo que se liga ao conjunto de ações sociais de seres humanos, suas organizações e relações no presente com o passado e o futuro. Ver: REIS, 1994.

Assim, os dados do cotidiano que se inscrevem nas entrelinhas da vida social se tornam elementos primordiais de nossa análise e um desafio, uma vez que seus elementos parecem ser tão “naturais” aos seus contemporâneos que usualmente acabam deixando registros históricos pouco explícitos; daí a necessidade de um olhar mais hermenêutico na leitura dos periódicos, “estranhando” as falas, as práticas sociais de modo a desnaturalizar os conceitos; como captar práticas e representações daquilo que é visto como habitual e raras vezes é questionado?

Ao esmiuçar as formas de controle no século XVIII e perceber que “a vida ‘pública’ emerge de dentro das densas determinações da vida ‘doméstica’”, Thompson se torna adepto da noção de teatro, apontando que em diversas sociedades há o teatro do controle político e o contrateatro dos que são supostamente controlados, e é no contrateatro que as sutilezas cotidianas podem ser encontradas.

Dessa forma, a partir da ação antropológica do *estranhamento*, podemos perceber Bauru do início do século XX como o grande palco onde se destravam as cenas do “Teatro do Poder”. Seus atores são os mais diversos e algumas vezes são protagonistas e em outras permanecem nos bastidores. Diante de um cenário que envolve conflitos econômicos, políticos e ideológicos, de um complexo processo de modernização/modernidade, procuramos evidenciar a presença das mulheres através das entrelinhas dos jornais, e captar, beirando uma “história do impossível” quem eram e de que forma essas mulheres, em suas diversidades, encenaram esse teatro.

Portanto, trata-se de uma reconstrução da narrativa que faz em primeiro lugar a crítica de como a história é narrada, resgatando a presença feminina a partir das representações das relações de gênero construídas no período, observando os distintos significados atribuídos à diferença sexual, em uma relação de ir e vir do presente ao passado.

O relevante, portanto, em uma pesquisa histórica, não é mais descrever como agiram e reagiram mulheres e homens em um determinado acontecimento, mas de decodificar os significados coletivos que uma sociedade dá ao masculino e ao feminino, estabelecendo em um determinado período, os papéis de cada um numa relação de hierarquização e poder.

Elas estavam ali?

Portanto, em um processo de modernização e modernidade que possui suas peculiaridades algumas questões são relevantes: de que modo as mulheres eram apresentadas nesse “Teatro do Poder”? Embora suas vozes sejam invisíveis na imprensa, encontramos a presença de tais personagens, sujeitos dos discursos que visam sugerir um certo ordenamento social, o disciplinamento das relações como condição *sine qua non* para que a sociedade recém instalada (1889) progrida e consolide a estrutura familiar patriarcal, alicerce da República. Que comportamentos eram definidos *a priori*? Diante disso qualquer atitude ou idéia considerada “desviante” que colocasse em perigo o ideal de ordem era imediatamente condenada e classificada como marginal. A cidadania era, portanto, sexuada?

No espaço “promissor” da cidade, enquanto espaço de sociabilidade os territórios são demarcados de forma acentuada, como mostrado por Perrot (PERROT, 1998, p.7) ao falar da sociedade francesa, mulheres e homens na cidade “opõem-se como o dia e a noite. Investido em uma função oficial, o homem público desempenha um papel importante e reconhecido. Mais ou menos célebre participa do poder (...) Depravada, debochada, lúbrica, venal, a mulher pública é uma “criatura”, mulher comum que pertence a todos”.

Portanto, à mulher é destinado o espaço privado, o da casa, das prendas domésticas e dos cuidados com os filhos, a cidade para elas se mostra apenas nos idas ao mercado e nos passeios acompanhados de um homem, esse a quem o espaço público é permitido. A Família, base da sociedade burguesa, é considerada como o lugar seguro das relações entre homens e mulheres, o refúgio ainda que idealizado, do mundo público, representado como perigoso e imoral. Um exemplo disso está presente no jornal “O Bauru” em um texto publicado em 16 de Janeiro de 1910:

Família

É no seio grandioso e regenerador da Família onde somente se pode encontrar os encantos sublimes e as belas harmonias que santificam e elevam as nossas almas, encorajando-nos para as intermináveis lutas da vida.

É nesse Centro que os corações amantes e apaixonados poderão ter o bálsamo suave, doce e edificante para as suas desditas e tristezas...

Felizes de todos, que vivem no conchego amoroso e inspirador da Família e que sabem respeitar e venerar esse Templo sacrossanto, respirando um ambiente puríssimo que nos fortalece o espírito!

É finalmente nesse “círculo” delicioso que nós todos devemos curvar-nos com respeito e adoração consagrando-lhe o amor mais puro e divino.(O Bauru, Bauru, 16 de Janeiro de 1910 N° 134, p.1)⁷

Notamos que algumas mulheres, por viverem sós, representavam um perigo para o ideal de ordem e progresso instituído pelos poderes públicos, principalmente as mulheres consideradas “públicas”, ou que não se encontravam nos perfis esperados de esposa, mãe e filha. Contudo, isso não aparece de modo explícito nos jornais, mas podemos dizer que está nos bastidores do teatro, pois a sutileza é evidenciada na forma como algumas notícias são elaboradas e publicadas. Ainda que não se ouça as vozes das mulheres, elas são alvo de um discurso disciplinador que fala sobre como elas devem ser e agir, reconhecemos que tal discurso fazia parte do processo civilizatório conduzido pelas oligarquias paulistas em marcha no sertão nordestino. Ele tinha como objetivo garantir a consolidação de um ideal de família e cidadão.

O perigo no “Teatro do Poder”

A cidade trouxe consigo uma variedade de questionamentos, experiências e linguagens, o que provocou o que muitos denominavam “corrosão social”, e as modificações dos papéis masculino e feminino, eram visto como uma das causas, daí o perigo que as mulheres inspiravam ao almejar ocupar novos papéis e tomar decisões.

A imprensa escrita realçava a pertinência de uma educação que moldasse o pensamento e o comportamento das gentes, principalmente das classes populares, pois essas eram vistas como as que transgrediam as normas. O discurso de ordem, portanto, se instalava na cidade, e as mulheres não enquadradas na norma familiar eram denominadas “mulheres públicas”, no sentido colocado por Perrot (1998), em contraposição a figura do homem público que encarna a honra e a virtude e detém uma posição importante na sociedade, elas eram as selvagens e instintivas. Observamos o alerta dado pelo periódico através de duas pequenas notas, que muito nos dizem:

Falta de Respeito?

Chamamos a atenção do sr. Delegado de Polícia para os constantes abusos que praticam algumas mulheres de vida airada, *nas ruas* desta vila. Tais ocorrências dão-se quase todas as noites e estão reclamando da polícia medidas repressivas, já por que isso muito destoa

⁷ Nas citações do periódico, optamos por deixar a ortografia oficial do período analisado.

da nossa moral e bons costumes. Aí fica nosso protesto. (O Bauru, Bauru, 26 de maio 1907 n.16, p.2, grifo nosso)

O ativo Delegado de Polícia local capitão Antonio Alves mandou proceder quinta-feira última a rigorosa devassa em *certos bordéis* contra os quais se tem feito de algum tempo a esta parte severas reclamações em denúncias de atos indecorosos à moral a aos bons costumes(...) Afim de garantir a tranqüilidade pública e velar pelo decoro da sociedade. (O Bauru, Bauru, 15 de setembro 1907 n.31, p.2, grifo nosso)

As prostitutas não eram indesejadas nas cidades, pelo contrário, eram consideradas “um exutório necessário a uma sexualidade masculina dita irreprimível” (PERROT, 1998, p.27), os bordéis e cabarés funcionavam com permissão judicial, mas a ação das prostitutas se limitavam aos papéis que outras pessoas julgavam ser convenientes, se os desempenhassem bem poderiam ser a salvação das famílias burguesas e seus padrões sexuais, por outro lado, poderiam se tornar um risco a ordem social e à família, caso saíssem dos lugares “permitidos”, e tomassem as ruas como no exemplo citado acima.

Também notamos o incômodo da sociedade quando a mulher toma algum tipo de medida drástica como o suicídio ou o infanticídio e parece se alijar do que é considerado seu comportamento natural, de meiguice, doçura, amabilidade e instinto maternal, as histórias são contadas com um tom romanesco, quase que um entretenimento para aqueles que lerão a notícia:

A semana do Kerosene

3 suicídios

No dia 24 do corrente, em uma casinha situada na rua Inconfidência, suicidou-se a parda Maria da Conceição, conhecida por Maria Jahú com 26 anos de idade, viúva, com 3 filhos, e que ultimamente vivia amasiada.

A causa do suicídio foi, por ter sido Maria desprezada pelo amante, que foi viver em companhia de outra, e não podendo por mais tempo suportar o ciúme, e também as privações, no auge do desespero despejou sobre suas vestes uma garrafa de kerosene ateando fogo em seguida.

Entre as mais horríveis dores, envolta em chamas, saíu correndo de sua casa, talvez arrependida do acto louco que praticara. Muito tarde, e quando já se achava horrivelmente queimada, foi socorrida pela vizinha fronteira de nome Cantidia Nunes de Almeida, sendo conduzida para sua casa quasi moribunda, onde, embora os tratamentos obtidos pelo medico legista, veio a fallecer na madrugada do dia seguinte.

Talvez o enterro da infeliz Maria da Conceição ainda não chegava ao cemitério quando outra Maria, Maria Thereza De Oliveira, preta, com 26 annos de idade, solteira, repetia a mesma função, na sua residencia a rua Jacutinga, proximo á linha Paulista. Esta também foi abandonada pelo seu amante, e não podendo suportar a negra solidão, despejou kerozene sobre as vestes e poz fogo, vindo a fallecer, entre as mais cruciantes dores, ás 8 horas da manhã do dia seguinte.

Duas Marias, uma parda outra preta, já haviam sido vítima do nauseabundo kerosene; faltava a terceira e esta foi Maria Jeronyma, brasileira, branca, com 20 anos de idade, e moradora da rua Bandeirantes. Cançada de viver talvez, porque não deixou explicado os verdadeiros motivos, comprou uma garrafa de kerosene, embebeu com o líquido em suas vestes, e poz fogo. Este outro facto aconteceu no dia 26 á tarde, e a vítima falleceu no mesmo dia, ás 9 horas da noite.

E assim, numa semana de suicídios à Kerosene, morreram tres Marias, uma preta, uma parda e outra branca. (O Baurú, 29 de Agosto de 1920, nº 667, p.2)

No início do século XX, muitas brasileiras, principalmente nas grandes capitais, já estavam inseridas nas lutas das sufragistas consideradas uma “primeira onda” do movimento feminista⁸, porém, nos periódicos analisados isso não é comentado, contudo, notamos a forma irônica como as mulheres são retratadas através de notícias, podemos inferir, portanto, que tal movimento era visto como ameaçador, em uma notícia sobre um “decálogo” das noivas que surgiu nos Estados Unidos, notamos o 3º artigo: “Não vos caseis com *um* feminista; quem luta pela emancipação das mulheres não as ama”.⁹

A ironia, visto como uma simples brincadeira, algo sutil que “não faz mal a ninguém”, é uma forma de marginalizar as ações femininas conforme nos chamou atenção Soihet (2001), em “O Baurú” notamos diversos exemplos das representações irônicas sobre as mulheres, dentre eles os dois abaixo:

Entre Maridos p.1

-Tua mulher sahiu?

-Foi para casa da mãe.

-Oh! as sogras!...

-Não digo mal dellas. Pensa bem em tudo que ellas fizeram para nós, em todos os sacrificios que lhes devemos agradecer. Pobres senhoras! Educam as filhas custosamente; procuram tornal-as boas, dedicadas, amaveis! E para quem? para nós, sem duvida nenhuma. O mundo é injusto. As filhas não dão ás mães senão encommodo; logo que crescem, que se fazem bonitas, instruidas, quasi perfeitas, chegamos nós e tiramos ás pobres mães o seu thesouro. E depois, se não fossem as sogras...

-Quem nos livraria das nossas mulheres?... (O Baurú, 03 de Outubro de 1920, nº672, p.1)

O que é a mulher

Geographicamente considerada, é uma cataracta como a do Niagara: nos assusta e nos attrahe ao contemplal-a.

⁸ Aqui falamos da primeira onda do Movimento Feminista, que tinha como pauta principal as reivindicações dos direitos políticos, como o voto. A segunda onda (após 2ª Guerra Mundial), trazia questões como o corpo, o patriarcado e a luta pelos direitos sexuais. (PEDRO, 2006).

⁹ O Baurú, 18 de Abril de 1915, n. 392, p.1. Grifo nosso.

Astronomicamente é um astro encantador, rodeado como Saturno de um anel de ouro que gira uma orbita muito limitada.

Politicamente é o poder legislativo que se impõe ao executivo, é o partido constante da opposição.

Magneticamente, é uma bussula que serve de guia ao homem em sua peregrinação pelo mundo

Botanicamente é uma planta formosissima que produz ao mesmo tempo flores, espinhos, fructos doces e amargos, dando aroma de vida á seiva venenosa.

Zoologicamente é o mais formoso bipede de criação, porem, o mais feroz e indomavel. (O Baurú, 16 de Dezembro de 1920, nº683,p.1)

Se as mulheres não produziam notícias nos jornais como escritoras e nem mesmo ocupavam cargos públicos estimados pela sociedade, como espaço dos “profissionais de bem”, como nos aponta Campos (2004). Eram elas os alvos dos modelos de referência de como deveriam se portar moças “casadoiras”, mães de família, virtudes incentivadas pelo republicanismo em diversas matérias que traziam muitos elementos de culturas estrangeiras, vistas provavelmente como exemplares desse progresso.

A moral e a moda

A Assembléia Legislativa do Estado de Illinois (Norte América), decretou a seguinte lei, hostil aos vestuários modernos:

Todo traje feminino, destinado a uma pessoa com mais de 12 annos, devera ser cortado de modo que não se descubra o collo; quer dizer, que não se poderá admirar a uma mulher mais que a cabeça, pois as mãos devem leval-as sempre enluvadas.

Nenhuma mulher devera descobrir em publico seus braços, nem meias crivadas, nem saias abertas pelos lados. A pena á infractora desta lei é de seis mezes de cárcere, commutaveis em 500 dollares (2:000\$000).

Se isto vigorasse por aqui? (O Baurú, 26 de Setembro de 1915, n. 415,p., grifo nosso)

O perigo que ameaçava transtornar a ordem almejada era representado por todos aqueles que não se encaixavam nos normas societárias, os presos, os desempregados e as mulheres, principalmente as sós, que chegavam em busca de novas oportunidades de trabalho na cidade que se formava, o sonho da cidade grande se realiza, não raras vezes de forma cruel e sombria, com longas jornadas de trabalho e muitas vezes tendo como único caminho a prostituição. Essas atrizes no “Teatro do Poder”, ficam nos bastidores, somente são vistas quando atrapalham a encenação de uma sociedade perfeita e ordenada, mas sem dúvida estiveram presentes no processo que consolidou a cidade de Bauru como pioneira do processo de modernização/modernidade do Oeste Paulista.

Considerações Finais

Ao analisar os exemplares de “O Bauru”, foi possível recolher informações e dados que nos revelam a presença de inúmeros conflitos desvelados no subjacente do cotidiano. Além disso, observa-se a vida dos moradores da cidade, e de modo muito sutil das mulheres e de suas relações sociais, essa “presença-ausência” permite confirmar a construção social das representações femininas e das relações de gênero.

Podemos notar a construção de um discurso que não dá voz às mulheres, mas que fala sobre como elas devem ser e agir, de maneira sutil, no modo como a notícia é elaborada ou em poemas e piadas de forma irônica.

Nos raros casos em que a mulher era colocada como sujeito histórico era em formato de denúncia por ter cometido algo contra os “bons costumes”, como nos casos da denúncia às prostitutas, ou em situações onde a exaltavam como perfeita, isso se dava notadamente nas notícias ou em pequenas notas espalhadas pelo jornal sem muito critério de espaço, e que não ocupavam um lugar fixo nas páginas. Segue-se um exemplo:

(...) Pobre Dona Cesarina! Viveu como um modelo de mulher sempre resignada e escondendo os seus padecimentos, afim de não mostrar o seu martírio, e morreu como uma santa, deixando nos corações das pessoas conhecidas uma infinda saudade (...).(O Bauru, Bauru, 21 de Agosto de 1910, p.1).

O “silêncio-gritante” (POSSAS, 2001) sobre a presença feminina na imprensa escrita, na vida pública de Bauru no início do século XX, se evidencia cada vez que nos aprofundamos na leitura dos periódicos. Sabemos que elas estavam ali, inferimos que cuidavam da casa, faziam compras, criavam os filhos, algumas poucas escreviam na solidão de seus quartos e outras ousavam falar sobre política, mas a imprensa não as mostra.

Diante disso relembramos o livro de Virgínia Wolf¹⁰ “Um teto todo seu”, no qual a autora escreve sobre a situação da mulher escritora no século XIX, em meio a histórias pessoais a autora faz uma digressão e imagina como seria se Shakeaspeare¹¹ tivesse tido uma irmã com o mesmo talento, ela conclui de forma dramática que qualquer mulher nascida com talento no

¹⁰ Uma das mais importantes escritoras modernistas da primeira metade do século XIX na Inglaterra, foi integrante do grupo Bloomsbury, que após a primeira Guerra Mundial se posicionou contra as tradições literárias, políticas e sociais da era vitoriana.

¹¹ Importante dramaturgo inglês do século XVI, que escreveu obras como Hamelet (1601), Macabeth (1607), Romeu e Julieta (1529) entre outras.

século XVI, ter-se-ia enlouquecido pela obstrução social que sofreria e pelas próprias contradições de seu inconsciente.

Nossa pesquisa torna-se um constante diálogo de idas e vindas ao passado e ao presente, e não sem querer nos apresenta elementos que nos permite compreender a atualidade, ainda hoje o “silêncio-gritante” surge na imprensa escrita, quando procuramos as mulheres, que parecem se encontrar em uma espécie de “solidão social”.

A riqueza da pesquisa histórica está justamente em nos apontar que tudo é construído, nada é natural e, portanto, imutável. Continuamos, enfim, a procurá-las nos bastidores do “Teatro do Poder”, e a partir dos indícios reveladores dessa presença, quiçá desnudar outras formas de ser, de *estar* no cotidiano dos muitos sujeitos que ficaram à margem da história e de suas narrativas (DAVIES, 1997).

Referências

CAMPOS, R.D.de. *A “Princesa do Sertão” na modernidade republicana*. Urbanidade e Educação na Rio Preto dos anos de 1920. São Paulo: Annablume; São José do Rio Preto: Secretaria Municipal da Cultura, 2004.

CHARTIER, R. Textos, Impressão, Leituras. In: HUNT, L. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *O mundo como representação*. *Revista de Estudos Avançados*, v.11, n.5,1991.

DAVIES, N.Z. *Nas margens, três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HUNT, L. *A nova história cultural*, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v.24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PERROT, M. *Mulheres públicas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

PERROT, M. Escrever a história das mulheres. In: _____. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007. p.13-39

POSSAS, L.M.V. *Mulheres, trens e trilhos – modernidade no Sertão Paulista*. Bauru: EDUSC, 2001.

_____. As fronteiras do Oeste Paulista: ocupando sertões, fundando cidades e (re) fazendo a história do lugar. In: *Terras paulistas*. São Paulo, CENPEC/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

REIS, J. C. Entre o tempo cosmológico e o tempo da consciência, o tempo histórico: um terceiro tempo? In: _____. *Tempo, história e evasão*. Campinas: Papyrus, 1994.

SOIHET, R. Sutileza, ironia e zombaria: instrumentos nos descréditos das lutas das mulheres pela emancipação. In: MURARO, R.; PUPPIN, A.B. (Org.). *Mulher, Gênero e Sociedade*, Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001 , p. 99-110.

THOMPSON, E.P. Folclore, Antropologia e História Social. In: NEGRO, A.L.; SILVA S. (Org.). Thompson E.P. *As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

Recebido em 13/04/2009

Reformulado em 28/04/2009